

02

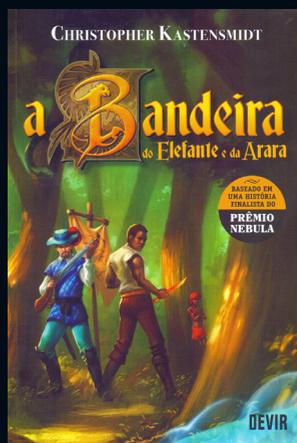
**A MITOLOGIA BRASILEIRA EM
A BANDEIRA DO ELEFANTE E DA ARARA, DE
CRISTOPHER KASTENSMIDT**

Sérgio Magalhães

*Recebido em 09 mar 2020.**Aprovado em 14 abr 2020.*

Sérgio Magalhães é Cearense, natural da capital Fortaleza, cursou Letras na Universidade Federal do Ceará, onde se envolveu com a pesquisa e produção de eventos e conteúdo relacionado a literatura fantástica. Mais tarde, fundou o blog “Baíão de Letras”, voltado a divulgação literária e análise de obras relacionadas, sobretudo, a fantasia, horror e ficção científica. Possui um conto publicado no livro “O Cravo Roxo do Diabo – A Literatura Fantástica no Ceará”, antologia organizada pelo também autor cearense Pedro Salgueiro, referência do gênero fantástico no estado.

É fato que há no Brasil uma depreciação cultural por sua própria História, e quando afirmo algo tão grave, não me refiro à forte e constante presença de estudiosos dedicados a descoberta e preservação de nossa fortuna cronológica, mas direciono a acusação à população em geral – educada nesse viés por uma produção artística voltada quase sempre a demonstrar com caricaturas às personalidades e fatos ligados à fundação do Brasil.



Ora, quando essa valorização é analisada sob o ponto de vista dos aspectos pré-colombianos então, a situação torna-se ainda mais preocupante. Os inúmeros povos nativos que ocupavam esta terra antes da invasão lusitana, além de massacrados em nível social, tiveram suas culturas escondidas pelos anos de estabelecimento de um enraizamento social, cultural e político, europeu, que ainda por cima “demonizou” toda a rica herança e legado nativo.

Não é preciso dedicar-se muito ao tema para encontrar um embasamento para esse quadro tão preocupante, mas verdadeiro, dentro de nossa valorização cultural nacional. Na escola, desde as séries de base, os costumes, mitologia e sociologia dos povos indígenas são quase completamente ignorados dentro da gestão responsável pelo processo de ensino-aprendizagem. E quando surgem de modo esporádico, é de forma estigmatizada, novamente caricatural, partindo do ponto de vista europeu, depreciativo.

Esse costume, pode ser atestado também pela ausência quase completa de romances que demonstrem a percepção do nativo sobre sua História, tradições e arte. A literatura conhecida, e estudada, em grande parte é centrada na interpretação europeia desses povos. Contudo, há pouco tempo vê-se um movimento – ainda tímido – no sentido de dar protagonismo a esse universo cultural, tanto pelo surgimento de autores indígenas publicando obras por grandes editoras, e pelo apego maior de autores brancos (nacionais e estrangeiros) por descrever essas sociedades de uma forma mais verossímil aos seus costumes, linguagens e mitologias.

Expus o quadro acima, pois ele reflete bem o cenário em que surgiu a obra aqui analisada, falo de *A Bandeira do Elefante e da Arara* (Ed. Devir, 2016) do autor Christopher Kastensmidt. Norte-americano radicado no Brasil há alguns anos, demonstra em sua escrita uma pesquisa bem fundamentada, e estendida não apenas a situação do indígena no país ainda colonial, mas também a do escravo africano e do europeu desbravador, dentro desse contexto histórico, porém envolvido por uma boa dose de fantasia e nuances de aventura.

O livro relata as aventuras do holandês Gerard Van Oost e seu companheiro, o iorubá Oludara, pelas matas brasileiras combatendo criaturas monstruosas, e desafiando a ira e ganância dos colonizadores e piratas que pretendiam fazer fortuna em uma colônia ainda desconhecida em seus mistérios e perigos.

Interessante notar, que mesmo apresentando fatos reais ligados aos dois personagens e os contextos sociais que eles representam – a escravidão ligada ao desejo comercial escuso das Bandeiras que

desbravavam o interior brasileiro –, os protagonistas formam uma aliança improvável, rompendo com esse *status-quo* estabelecido pelo cenário histórico-ficcional.

A mistura muito bem dosada entre nossa história, seus elementos folclóricos e/ou mitológicos, e aspectos sociais e culturais dos povos que formaram essa origem étnica da população brasileira nas épocas posteriores, já constitui motivo suficiente para me instigar a leitura do livro. Afinal, mesmo havendo certa distância entre as obras, títulos como “Viagens ao Brasil” (1557), “Caramuru” (1781), e a famigerada “Carta de Pero Vaz de Caminha” (1817), sempre despertam a curiosidade do leitor por relatarem fatos – verídicos e ficcionais –, de um período pouco conhecido, e valorizado, de nossa cronologia histórica, como afirmado anteriormente.

No entanto, não tome essas referências como um parâmetro de comparação com a criação do autor, muito pelo contrário. Mesmo havendo uma coerência e respeito muito grande em relação aos costumes e mitos daquele momento, Kastensmidt soube desenvolver um universo só seu, onde valores e feitos da época acabam confrontados pela visão de seus protagonistas que fogem do padrão dos colonizadores vistos no Brasil naquele período, ou seja, portugueses desterrados para a colônia e piratas franceses/holandeses em busca de territórios na próspera terra de domínio lusitano. Assim, um dos grandes méritos do livro foi construir para si um tom particular e linguagem fluida e envolvente, capaz de imergir sem demora o leitor nas sagas aventurescas da Bandeira do Elefante e da Arara pelas florestas brasileiras.

Desta forma, o livro apresenta uma série de capítulos que narram – em uma sequência linear de tempo -, como se conheceram o explorador holandês e o sagaz africano iorubá. Juntos, eles formam uma bandeira de apenas dois componentes e partem em busca de aventura e fama, enfrentando criaturas monstruosas que aterrorizam nativos e colonizadores ao longo do litoral brasileiro.

A história começa em 1575 em Salvador, e passa por Olinda, Rio de Janeiro, e volta para o início a fim de enfrentar um desafio improvável de ser vencido. Logo de início, Gerard liberta Oludara, graças a um plano envolvendo a captura do Saci Pererê, e eles fazem um pacto de permanecerem por 5 anos como companheiros de aventuras. Por fim, o africano pretendia voltar a sua terra e honrar a memória de seus ancestrais. Importante salientar esse pacto inicial, pois ele ecoa por todos os capítulos do livro, dando direcionamento ao desfecho da obra, abrindo uma interessante possibilidade para uma sequência.

Outro ponto relevante quanto a narrativa, diz respeito a origem distinta deles, um recurso muito poderoso na história. Ora, sendo um escravo africano, e um explorador holandês, a visão deles permite quem lê apreciar um vislumbre social, cultural e histórico diferente da perspectiva portuguesa (mais comum nessa narrativa) ou indígena (fruto da violência inicial da exploração colonial). E mais, protestante em um país de católicos, Gerard enfrenta uma série de preconceitos – um deles ser impedido de entrar em uma bandeira -, e dilemas morais internos, perante os costumes diferentes com os quais tem contato, especialmente, durante a estadia deles em uma tribo de tupinambás.

Sobre o tom usado no livro para desenvolver a narrativa, o autor usou bem os recursos do subgênero capa e espada, que tem na fantasia sua âncora mais referencial. Um dos pontos mais evidentes disso, está no comportamento dos personagens – que correm em direção ao perigo ao invés de serem jogados nele de forma ocasional -, desejando enfrentar o desconhecido para ajudar os outros, e conquistar fama e fortuna.

Ainda nesse sentido, os capítulos do livro se fecham em torno de acontecimentos específicos da narrativa, em que os bandeirantes enfrentam um (ou mais) criaturas em cada um deles, e, embora sejam factuais por si, formam uma história completa e interligada no fim. Prova disso está na passagem de tempo entre uma aventura e outra, demonstrando ao leitor que o objetivo ali é desenvolver a ação em primeiro plano, e não o ambiente descrito.

E o que falar dos monstros e criaturas enfrentadas por Gerard e Oludara? Incrível como, mesmo sendo brasileiro e interessado por essa cultura, ainda há muito de desconhecido sobre esses seres para mim, um recurso poderoso ao texto como elemento surpresa e instigante para quem lê.

Para nós, mais acostumados ao folclore europeu, é fácil saber que um dragão cospe fogo, mas o que faz o Capelobo? A lara? O Boitató? Esse desconhecimento imerge ainda mais o leitor na trama, pois você compartilha da insegurança e ignorância dos bandeirantes em relação aos monstros enfrentados, algo raro hoje em dia. Nesse quesito, a coragem de Gerard e sagacidade de Oludara ganham um destaque ainda maior. Interessante notar que

o desafio mais recorrente e mortal aos parceiros de aventuras é um homem, Antônio Dias Caldas, dono da maior bandeira de Salvador naquele período.

Ao longo do livro, o autor além de demonstrar elementos de uma pesquisa apurada e precisa sobre o país da época, inseridos no enredo de maneira coesa ao ritmo de linguagem empregados, ainda expõe problemáticas da época, como a escravização dos índios pelas bandeiras para trabalho nos engenhos de cana de açúcar, e a invasão de outros países aos núcleos de colonização portuguesa.

A pesquisa do autor surge com maior relevância, quando são descritas tribos com diferentes costumes, linguagens e mitologias, dentro do romance. Em consonância, a presença dos jesuítas nesse cenário, contribui para a demonstração de um Brasil mais verossímil e rico em seus fatores histórico-culturais. Algo desconhecido, inclusive, por leitores nacionais, graças a evidenciada desvalorização desse período histórico e cultural do país. Óbvio, tudo isso em um cenário que mescla ficção e fantasia, mesmo embasado em um marcante fundo histórico.

É relevante dizer que o livro é divertido, acima de tudo, e vem preencher no Brasil duas lacunas ainda muito carentes em nossa literatura: o trato com nuances de nosso folclore/cultura; e fantasias baseadas no subgênero capa e espada. Quando esse espaço é preenchido de maneira tão competente e instigante, é difícil não ressaltar de maneira apaixonada.

Importante citar, que mesmo com essa demonstração embasada da época, o livro consiste em um romance de fantasia, preocupando-se mais com o desenvolvimento do enredo, que de

seus personagens e/ou costumes do cenário descrito. Por isso, engana-se quem pretende na leitura encontrar um mergulho profundo nos costumes nativos, e quadro sócio-político daquele momento da História brasileira.

Sendo uma aventura, ele embasa muito bem as nuances necessárias para essa criação ficcional, e cumpre com louvor o papel de conceber uma fruição estética mais profunda em quem lê, sem prejudicar o apego ao gênero ali desenvolvido pelo autor.

REFERÊNCIAS

KASTENSMIDT, Christopher (2016). *A Bandeira do Elefante e da Arara*. Roberto de Sousa Causo e Christopher Kastensmidt (Trad.). São Paulo, Editora Devir Livraria.